

REVISTA
FILOSÓFICA
DE
COIMBRA

vol. 24 - número 47- março 2015

vol. 24 - número 47- março 2015

Fundação Eng. António de Almeida



NOTA EDITORIAL

COMEMORAR, OU SER DE CERTA MANEIRA TODAS AS COISAS

Apraz-nos publicar o presente fascículo da *Revista Filosófica de Coimbra* sob o signo da comemoração. Ela havia sido adiada no fascículo anterior, como os leitores e assinantes mais atentos se lembrarão, mas a ocasião de rejubilarmos com a continuação da publicação das “Obras Completas de Miguel Baptista Pereira” – ele que não só foi um dos mais ilustres professores da nossa Secção e um filósofo notável, como também o primeiro diretor da *Revista Filosófica de Coimbra* – vê, neste mesmo fascículo, uma daquelas coincidências felizes que muito agradaria ao nosso colega e Prof. M. Baptista Pereira (1929-2007). Referimo-nos em particular ao relevo que as páginas a seguir concedem a Aristóteles, sob várias perspectivas, e desde logo suscitando a atenção para a publicação de um dos vários artigos que consolidam este primeiro fascículo de 2015, da autoria do sinólogo Thierry Meynard, professor da Universidade de Sun Yat-sen, que demonstra como a filosofia editada em Coimbra, no século XVI, depressa chegou à China; ou dito de outra maneira: como Coimbra e Portugal contribuíram para que Aristóteles entrasse tanto quanto possível no espaço mais oriental do mundo conhecido, após a acidentada viagem para Ocidente, que os nossos leitores mais sensíveis à História da Filosofia e do pensamento ocidental conhecem tão bem. Trata-se, no caso, daquilo que hoje denominamos a “psicologia aristotélica” e é insofismável o papel que Coimbra desempenhou nesta globalização quinhentista e seiscentista de uma filosofia que, antes mesmo de concluir a sua viagem para o mais longínquo ocidente americano, resolveu guinar às terras do sol nascente para interpelar uma cultura sofisticadíssima, requintadíssima e averiguar com ela as suas possibilidades de diálogo. Um diálogo que ainda hoje, à maneira dos nossos tempos, continuamos a encetar e almejar sem que o nosso espaço editorial, académico, científico e filosófico se exima à responsabilidade de dar um futuro quiçá mais brilhante a um passado que não temos motivos para rejeitar. Ora, se tanto fosse preciso, o objecto da mais recente publicação no quadro editorial das “Obras Completas de Miguel Baptista Pereira” – referimo-nos ao volume I (Pedro da Fonseca: dissertações de licenciatura e de doutoramento) na sequência

do volume II (Leituras da Modernidade e da Secularização) – comprovar-nos-ia que um autor que tanta atenção deu a um filósofo de gabarito, que tão profundamente meditou um dos maiores conhecedores de Aristóteles de todos os tempos oriundo do que temos vindo a chamar a escola de Coimbra, Pedro da Fonseca, só podia pressentir nesta ocasião um feliz e intelectualmente profícuo momento de comemoração. “Comemorar” era, aliás, um dos verbos mais benquistos de Miguel Baptista Pereira, quer na sua semântica mais física, no encontro efusivo onde habitualmente numa tabula horizontal se escutavam os iguais, quer sobretudo no seu horizonte mais espiritual, filosofante ou hermeneuticamente dialogante coincidente com Mnemosyne, a recordação enquanto sensível fecundidade da alma humana. Numa palavra, soube o nosso filósofo e colega personalizar sem rival uma das palavras de Aristóteles que em si costumavam ecoar vezes sem conta, e justamente, sobre “a alma que se identifica de algum modo com todos os entes” (*De Anima* III 8, 431b21). Enfim, eis o momento certo para apelarmos à leitura dos para já dois sóbrios volumes da Fundação Calouste Gulbenkian das “Obras Completas de Miguel Baptista Pereira”, e para a eventual releitura das inúmeras páginas que publicou nesta nossa *Revista Filosófica de Coimbra*, entre 1992 e 2004 – “Do biocentrismo à bioética ou da urgência de um paradigma holístico” foi o seu primeiro título, “Para uma filosofia do símbolo”, o último publicado nas nossas páginas (vd. http://www.uc.pt/fluc/dfci/public_/publicacoes). Na revista *Prelo* (5, maio-agosto 2007), ainda quem do seu exigente pensamento se quiser abeirar poderá ler o artigo de uma das suas discípulas, a nossa Colega Maria Luísa Portocarrero, além, é claro, de que deverá saber da existência de duas importantes iniciativas editoriais superiormente comemorativas, *O Homem e o Tempo. Liber Amicorum para M.B. Pereira*, coord. por J.A. Pinto Ribeiro (Porto 1999) e *Ars Interpretandi. Diálogo e Tempo. Homenagem a Miguel Baptista Pereira*, coordenação de A. Borges, A.P. Pita e J.M^a André (Porto 2000). Talvez não fosse preciso sequer fazer menção destas homenagens que concitam a leitura do pensamento de um filósofo conimbricense do século XX, mas infelizmente os preconceitos – mesmo em quem não se esperaria encontrá-los – abundam, veja-se e.g. o modo como uma tão rica monografia, assaz apressadamente escrita embora, intitulada *O Pensamento Português Contemporâneo 1890-2010*, sem qualquer razão substancial teima em ignorar a produção filosófica da nossa Universidade, reduzida aos inevitáveis lugares comuns de uma onomástica obstinadamente desatualizada, preguiçosa e mal informada. A leveza (para não dizer superficialidade) com que alguns “geógrafos culturais” viajam da academia do Porto à de Lisboa como se *terra incognita* o Centro se tratasse, ainda vão permitindo dislates quais as de uma divisão territorial entre (as tristes palavras a seguir eram de Joel Serrão) os “especulativos de origem ou de radicação lisboeta” e “os seus émulos nortenhos” interessados “pela metafísica e pelo pensamento de teor misticizante”. Entre 1968, data do preconceito serrano, e 2011, o ano em que aquela grave monografia saiu apressadamente do prelo, pouco parece ter mudado!

O estudo de Thierry Meynard não é o único trabalho que preenche o presente fascículo. Assim, pela ordem alfabética da publicação (como temos sempre procedido): Partindo da referência que o engenheiro metafísico Álvaro de Campos chegou a estabelecer com o pensamento alemão (é-nos dito que Pessoa chegou a pensar traduzir a *Crítica da Razão Pura*), Cláudia Souza e Márcio Suzuki, de São Paulo, estudam alguns tópicos do texto pessoano confrontando-o com Novalis, a saber: vigília/sonho, consciência e ironia. De Coimbra, Cláudio Alexandre Carvalho retoma o tema da melancolia no filósofo que já citámos a propósito da nossa comemoração, Aristóteles, particularizando sobretudo um diálogo atento com a tradição hipocrática de que o autor a quem se atribuem os *Problemata* é simultaneamente devedor e leitor crítico. Também de Coimbra são provenientes os dois artigos publicados a seguir. Fernanda Bernardo relê *À Escuta* de Jean-Luc Nancy, salientando a experiência da escuta, naturalmente, uma toada cujo silêncio na história da filosofia se denuncia e que a autora retoma e escuta no autor que relê. Henrique Jales Ribeiro retoma uma das matérias em que já é autoridade reputada, a Retórica e a Argumentação, mostrando, em substância, como em duas monografias de Toulmin se podem encontrar interpelações importantes relativas ao núcleo mais problemático da noção moderna de racionalidade. Interpretando o modo como Heidegger interpretou Aristóteles, a professora de Lisboa Mafalda Blanc retoma naturalmente a conhecida tese da redução do ato e do ser à significação categorial por carência de um conceito de tempo habilitado a traduzir o ser como possibilidade. A presença de Aristóteles continua ainda nos dois contributos seguintes, ambos de Coimbra. O primeiro de Maria da Conceição Camps que se dedica à temática da imortalidade da alma em dois autores de referência na história do aristotelismo português, Baltasar Álvares e Francisco Soares, dito Lusitano. O outro de Mário Santiago de Carvalho, concorrendo para o capítulo da filosofia da educação segundo outro comentador aristotélico português, Sebastião do Couto. Finalmente, também de Coimbra, Paulo Alexandre Lima, mostrando-se um atento leitor do estoicismo antigo, propõe-se ver na teoria dos *páthe* um antecedente da moderna noção de disposição e ao mesmo tempo a base para uma sua revisão crítica, tal como ela foi afinal equacionada pela filosofia existencial.

O leitor tem assim a fortuna de ter agora nas suas mãos a comemoração jubilosa que no século XXI de Coimbra fazemos a dois filósofos que de algum modo apreciaríamos irmanar nas palavras tão profundas de B. Welte, e que Miguel Baptista Pereira tanto apreciava citar: “Quão admirável é encontrar um homem para quem tudo fala, a quem tudo diz algo, a quem tudo saúda e que, por seu lado, saúda tudo com o espírito, o coração e a profundidade do seu ser pessoal”.

Mário Santiago de Carvalho